

Resenhas Críticas-----

MEDEIROS, José Adailson de. *Ulisses Pernambucano*. São Paulo: Paulinas, 1992. 47p. (Coleção Homens e mulheres do Nordeste. Série Os cientistas, 2).

A contribuição dos médicos à Psicologia no Brasil é larga e valiosa. Esses especialistas são responsáveis pela maior parte da produção filosófica do século 19 e por quase toda aquela que dá relevo à Psicologia (Cabral, 1950, p.2).

Sejam os médicos adeptos do *sensualismo eclético*, semelhante ao de Mont' Alverne, como Moraes Vale, autor de um compêndio de filosofia em 1851; influenciados pelo *materialismo* de Cabanis ou pelo *espiritualismo* eclético de Maine de Biran, como Ferreira França (*Investigações de Psicologia*, 1854, apud Cabral, 1950); seja compondo um coquetel obscuro e palavroso com os ingredientes do berkeleyismo, do ecletismo de Cousin e o *ontologismo* de Malebranche, como Gonçalves Magalhães (*Fatos do Espírito Humano, 1854, e Almae o Cérebro*, 1876, apud Cabral, 1950); sejam

ainda, de tendências *escolásticas*, como Soriano de Souza (*Compêndio de Filosofia*, 1876, apud Cabral, 1950) e o Visconde de Sabóia (*A Vida Psíquica do Homem*, 1903, apud Cabral, 1950); *positivistas* como L. Pereira Barreto (*Filosofia Teológica*, 1874, e *Filosofia Metafísica*, 1876, apud Cabral, 1950); *materialistas* como Guedes Cabral (*Funções do Cérebro*, 1876, apud Cabral, 1950) e Vicente de Souza (*Curso de Lógica*, 1903, apud Cabral, 1950), os autores influentes do século são principalmente médicos.

Os estudos de caráter objetivo na psicologia brasileira tiveram início no campo da medicina, ou, mais exatamente, nos da psiquiatria, neuriatria e medicina social, como assinala Lourenço Filho (1955, p.266). Foi neste último terreno que os esforços dos médicos vieram a ligar-se aos de educadores, os quais

depois dariam à matéria contribuição específica substancial.

Os elementos que deveriam facilitar a aproximação entre médicos e educadores para estudos de proveito comum viriam, inegavelmente, da difusão de princípios da higiene mental e da prática de instrumentos simplificados de diagnóstico, como os testes mentais. É sob a forma de teses de doutoramento, oferecidas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e à Faculdade de Medicina da Bahia, que os estudos pioneiros aparecem. Na Faculdade de Medicina da Bahia, entre o ano de 1840 e o de 1900, nada menos que 42 teses foram defendidas, com questões de psicologia, assinala Lourenço Filho (1955, p.269). Entre 1836 e 1900, 21 trabalhos de psiquiatria e cerca de uma dúzia sobre matéria psicológica pura foram levados a efeito no Rio de Janeiro, segundo ainda Lourenço Filho.

Ulisses Pernambucano, revela Medeiros, teve um papel de destaque na história da psicologia no Brasil. Médico e educador, as ações de Ulisses foram em grande medida voltadas para um segmento da sociedade até então marginalizado,

os deficientes físicos e mentais. O ideário inovador, a implementação de ações vigorosas e consistentes nas áreas da Medicina Psiquiátrica, da Educação, da Psicologia e da Antropologia, através de um grupo de auxiliares e pesquisadores, contribuíram para o surgimento da "Escola Psiquiátrica do Recife", movimento de características sociais bem marcantes.

Ulisses Pernambucano de Mello Sobrinho nasceu no Recife em 6 de fevereiro de 1892. Alfabetizado no próprio lar, conclui o primário e o secundário no Ginásio Aires Gama no Recife. Muito jovem, decide-se pela carreira médica. No Rio, ainda adolescente, ingressa no curso médico — Recife, na época, não dispunha de Faculdade de Medicina — curso realizado com brilhantismo. Ulisses é supervisionado por grandes nomes do ensino médico nacional, entre eles, Juliano Moreira, o fundador da psiquiatria brasileira, tendo a oportunidade de testemunhar a verdadeira revolução empreendida no velho Hospital de Alienados: humanização das condições asilares; a supressão da camisa de força e de outros métodos coercitivos; introdução da praxite-

rapia, hoje, laborterapia; apoio à família do internado; instalação de colônias para doentes de evolução terapêutica prolongada; acentuada preocupação com o estudo e a pesquisa.

Aos vinte anos de idade, Ulisses defende sua tese versando "Sobre algumas Manifestações Nervosas da Heredo-Sífilis", a qual foi aprovada com distinção, obtendo o grau de doutorem Medicina. Após uma breve trajetória como médico rural no interior de Pernambuco e no Paraná, casado e pai de dois filhos, de volta a Recife, motivado pelos temas escolares, pelo conhecimento acadêmico e pelo debate, exposição e troca de idéias, Ulisses interessa-se pela educação formal. A um psiquiatra social à altura de um professor como Ulisses Pernambucano, não poderia faltar o interesse pela educação, vigorosamente demonstrado tanto no campo da educação geral quanto no campo da educação especial, recorda Barreto (1992, p. 15). Sua trajetória como mestre começa com sua nomeação à cátedra de Lógica, Psicologia e História da Filosofia, em 1919, no Colégio Pernambucano, conquistada em concurso público.

Nesse mesmo ano Ulisses classificara-se em primeiro lugar no concurso para professor catedrático de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal Pública, não sendo porém nomeado pelo governador do Estado, que indica outro nome para a mesma vaga. Aquela seria apenas a primeira de várias injustiças políticas cometidas contra o emergente mestre.

Malgrado isso, a realização daquele concurso ensejou dois fatos historicamente relevantes para os domínios da psicologia e da educação em Pernambuco: primeiro, a criação de uma cadeira específica, acompanhada de concurso público para seu provimento, marcando o início propriamente dito da psicologia no Recife (Rosas, 1985); o segundo fato historicamente relevante é a própria monografia elaborada pelo candidato, "Classificação das Crianças anormais. A parada do desenvolvimento intelectual e suas formas; a instabilidade ea astenia mental", composta de 46 páginas, de acordo com Pessotti (1975,, - primeira do gênero publicada no País. A dissertação de Ulisses não só faz referências a autores propriamente franceses, mas significativas observações pessoais tanto do ponto

de vista psicopedagógico quanto social, espelhando embrionariamente duas preocupações que viriam caracterizar intensamente os interesses científicos do até então jovem médico: a criança excepcional e a psiquiatria social, linhas mestras de sua ação.

Convidado a dirigir a Escola Normal Pública, sua gestão foi marcada por uma série de avanços educacionais para a época, revelando seu espírito criador e seu interesse pela formação de pesquisadores e produtores de conhecimento. A Escola Normal passou a fazer inovações de repercussão educacional e social para a época, entre outras, exame de seleção para a admissão à 1ª série; serviço de merenda escolar; clínica dentária; caixa escolar, dirigida pelos próprios alunos, o que revela uma iniciativa de grande valor pedagógico, acentua Medeiros; classe especial para crianças excepcionais, que funcionou durante alguns anos no Centro de Aplicação, anexo à Escola Normal, experiência que viria se desdobrar em duas frentes, uma de iniciativa pública e outra de iniciativa privada, esta última efetivada com a colaboração decisiva da Liga de Higiene Mental

de Pernambuco, criada em 1932, fruto do empenho voluntário de Anita Pereira da Costa, Cecília Di Lascio e Marta Carvalho (Pereira da Costa, 1956,p.215).

Coube também a Ulisses a criação do Instituto de Psicologia do Recife, a primeira instituição do gênero no País a ser implantada e a funcionar regularmente no Brasil (Scheeffler,1976; Rosas,1985). No Instituto de Psicologia, Ulisses Pernambucano prossegue sua ação pedagógica, executando um programa de estudos e de treinamento de seus auxiliares, seja na aplicação e interpretação dos testes psicológicos então correntes, seja levando-os a adaptar os testes e a padronizá-los para a realidade do Recife. Neste empreendimento, Ulisses congregou ao seu redor diversos nomes que mostraram interesse pela área como Anita Paes de Barros, Sílvio Rabelo, Ana Costa, Maria das Neves Monteiro, Maria Leopoldina, Alda Campos, Helena Campos, Maria de Lourdes Vasconcelos, Cirene Coutinho, Celina Pessoa e Quitéria Cordeiro, entre outros. Todos, mais cedo ou mais tarde, chegaram a publicar trabalhos produzidos no

âmbito do instituto.

Foi o ensino na Faculdade de Medicina, entretanto, a cátedra mais proeminente da atuação docente do mestre na fomição, sistematização e irradiação de um ideário inovador e interdisciplinar. Neste plano, um movimento científico de repercussão social, do qual participou um grupo de notáveis auxiliares, ficou conhecido como "Escola Psiquiátrica do Recife". A fomição e caracterização dessa "escola" foi um processo lento e árduo que remonta às muitas vivências de Ulisses Pernambucano como professor nos vários planos da educação escolar, e à frente do Hospital de Alienados. Na Faculdade de Medicina do Recife, na condução de várias cadeiras interdisciplinares, entre elas a de Clínica Neurológica, ministradas com carisma e dedicação ao longo das décadas de 20 e 30, Ulisses ajudou a desenvolver potenciais e talentos em seus alunos.

A convite do interventor em Pernambuco, durante a Revolução de 1930, assume pela segunda vez a direção do Hospital de Alienados, o tradicional Tamarineira, diante, agora, de uma tarefa mais abrangente: a de reestruturar todo o Serviço de

Psicopatas do Estado. A indicação de Ulisses, à luz de profundas mudanças político-institucionais no País, produz reações contrárias em pessoas que viam nele alguém que já trabalhara em governos pré-revolucionários. A implementação de um projeto detalhado e ambicioso representou, no entanto, uma verdadeira revolução no atendimento aos doentes mentais do Estado. Uma plêiade de jovens brilhantes o acompanha e o assiste no que já se convencionara chamar a "Escola Psiquiátrica do Recife": o Dr. Alcides Codeceira, diretor do Manicômio Judiciário; Prof. Costa Pinto e, logo a seguir, o Dr. José Lucena, no Serviço de Higiene Mental; o Dr. Vicente Matos, na Colônia de Doentes Crônicos e o Dr. Gildo Neto, que fora o primeiro interno da Tamarineira, no Serviço Aberto. Esses diretores, secundados por seus auxiliares, deram impulso e implementaram a mais profunda reforma no plano de saúde mental já empreendida no Recife.

Como consequência da produção de trabalhos científicos, vários periódicos foram surgindo: *Arquivos de Assistência a Psicopatas* (1927), que apresentava "de preferência

trabalhos originais, de cunho prático e com larga experimentação"; *Boletim de Higiene Mental* (1933), editado pela Diretoria de Higiene Mental da Assistência a Psicopatas, com tiragem inicial de 2 mil exemplares, mensal, e distribuição gratuita, publicação essa que pretendia ser o elo de ligação entre as atividades do setor e o grande público; *eNeurobiologia* (1938), que divulga a expressiva contribuição de trabalhos científicos locais, sendo o órgão oficial da Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, liderada a princípio por Ulisses Pernambucano, Alcides Benício e René Ribeiro.

A Sociedade de Psiquiatria, Neurologia e Higiene Mental do Nordeste Brasileiro, que cinco anos depois de criada se tomara Sociedade Brasileira, de inspiração de Ulisses, foi o elo de amarração da "Escola Psiquiátrica", que passou a congregar um número muito mais amplo de especialistas e educadores.

Ulisses teve ainda marcante atuação em defesa de minorias marginalizadas da sociedade. Neste sentido, lutou contra a discriminação de seitas africanas, e pela

sua existência legal. O 1º Congresso Afro-Brasileiro do Recife, de inspiração de Ulisses, contou com a participação de personalidades como Gilberto Freire e Albertina Fleury, a rainha do maracatu; de babalorixás; de cozinheiras velhas que trouxeram do fundo das cozinhas dos mocambos receitas de quitutes afro-brasileiros quase ignorados; e conhecedores de macumba como Nóbrega da Cunha. Graças ao trabalho de Ulisses, a polícia de Pernambuco reconheceu de 1930 a 1935 como seitas religiosas associações de negros indistintamente classificadas como catimbós e injustamente perseguidas pelos delegados e subdelegados (Freyre, 1970, v.2, p.521).

À frente da Assistência a Psicopatas do Estado, após conflitos gerados por graves dificuldades financeiras, em meio a eclosões em alguns pontos do País relacionados à chamada "Intentona Comunista", Ulisses pede demissão do cargo de diretor. O Congresso aprova o estado de sítio e, posteriormente, o estado de guerra, que se estende até o Golpe de 1937, que marcou o início do Estado Novo. Nesse ínterim, desencadeia-se uma grande perseguição aos comu-

nistas, militantes ou "supostos". Ulisses é denunciado como "comunista" e "subversivo" por seus adversários. Um grupo de colaboradores, enfrentando o poder discriminatório e repressivo então vigente, se solidarizou publicamente com o notável mestre e publicou, em 1937, os *Estudos Pernambucanos*, antologia de depoimentos, hoje referência obrigatória de consulta para melhor compreensão de sua vida e obra.

Ulisses passa a ser "persona non grata" para os meios oficiais. É aposentado compulsoriamente do ensino público, restando-lhe tão-somente o magistério na Faculdade de Medicina, na época uma instituição particular. Sitiado pelos meios oficiais, mesmo assim funda o Sanatório Recife, instituição modelar de prestação de serviços. Sua prematura

morte, ocorrida em 1943, foi, provavelmente, desencadeada por seqüelas. "Data, como se sabe, da prisão de Ulisses em 1935 na imunda Casa de Detenção do Recife, a doença que o acaba de matar(...), mas sei também que não contribuiu pouco para esse assassinato lento a aposentadoria de 1937, cínica, fria, traiçoeira...", escreveu Gilberto Freyre (1966, p. 16).

A Coleção "Homens e Mulheres do Nordeste", coordenada por Eduardo Hoornaert e Severino V. da Silva, publicou até agora 10 itens, entre os quais *Joaquim Nabuco*, *Zumbidos Palmares*, *Dolores Borges*, *Maria de Araújo e Padre Cícero*.

Dirceu R. Carvalho
Universidade de São Paulo (USP)

Referências bibliográficas

BARRETO, Anita PAES. Ulisses Pernambucano, educador. *Psicologia, ciência e profissão*, Brasília, Conselho Federal de Educação, n.1, 1992.

CABRAL, Anita A. Psicologia no Brasil. *Boletim [Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP] Psicologia n.3*, São Paulo, n.1 19, 1950.

FREYRE, G. *Quase política*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1966. p.3-23: Um quase político.

_____. *Casa grande e senzala*. 14.ed. Recife: Ed. Nacional, 1970.

LOURENÇO FILHO, M.B. A psicologia no Brasil. In: AS CIÊNCIAS no Brasil. São Paulo: Instituição Larragoiti: Melhoramentos, 1955. 2v.

PEREIRA DA COSTA, A.L. Dois anos de atividades da Escola para Crianças Excepcionais da Liga de Higiene Mental de Pernambuco.

Neurobiologia, Recife, v. 19, n.1/2, p.212-218, mar./jun. 1956.

PESSOTI, I. Dados para uma história da Psicologia no Brasil. *Psicologia*, São Paulo, v.1,n.1, maio 1975.

ROSAS, P. Contribuição de Ulisses Pernambucano e seus colaboradores para a psicologia aplicada no Brasil. *Revista de Psicologia*, 1985.

SCHEEFFER, R. *Testes e medidas na Educação*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1976. p.23-38: Evolução dos testes na Psicologia e na Educação.